

A PERSPECTIVA EM SKETCHINGS: mapear, compreender e desenvolver metodologias de desenho.

Sabrina Stefany Domiciano da Silva¹, Maristela Sanches Rodrigues²

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus Jacareí. e-mail: sabsilva.contato@gmail.com

²Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus Jacareí. e-mail: maristela_sr@ifsp.edu.br

Resumo: Esta pesquisa propõe-se a desenvolver um estudo na área do desenho de perspectivas em *sketchings* (esboços), com o intuito de conhecer, compreender e desenvolver metodologias de criação de desenhos, com vistas a propor, por inferência, tais metodologias ao curso de Design de Interiores do IFSP, campus de Jacareí. Para tanto, buscou-se um mapeamento das atuais metodologias e técnicas de perspectiva em *sketchings*, através de revisão bibliográfica, bem como, de pesquisa in loco ó junto a estudantes e servidores do campus.

Palavrasóchave: desenho. metodologias. perspectiva. sketchings

Linha Temática: Linha Temática Ensino e Aprendizagem (EA).

INTRODUÇÃO

A participação em atividades de pesquisa, como a Iniciação Científica (IC), é de fundamental importância para a formação acadêmica de estudantes do ensino superior, propiciando-lhes a vivência e a formação inicial necessárias à pesquisa e, portanto, ao aprofundamento e à compreensão das áreas de conhecimento em que realizam suas pesquisas, além das contribuições que dela podem surgir.

O IFSP - campus Jacareí, conta com um número grande de alunos que desenharam, devido aos cursos de Design de Interiores (DI) oferecidos pela instituição. Este grupo é constituído por pessoas que praticam o *sketch* (em específico o de perspectiva) há algum tempo ou não possuem o hábito de desenhar. Esta pesquisa de IC dispõe-se a estudar como esses desenhistas (praticantes habituais ou iniciantes) se interessaram pelo desenho, como aprenderam a representar perspectivas (se aprenderam), quais técnicas utilizam que melhor retratam a profundidade e se desenvolveram ou não essa habilidade. Assim, parte-se do pressuposto de que o desenho está relacionado à criatividade, percepção e sensibilidade visual de quem o pratica, portanto faz-se necessário compreender como o sujeito aprendeu e com quem aprendeu.

Busca-se, para fundamentação e exploração do assunto, textos e pesquisas relacionadas ao tema, bem como a realização de uma pesquisa com um grupo, parte da instituição, que se utiliza ou não do desenho através de um questionário e desenho à mão livre.

METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO

Para adentrar o universo que engloba a pesquisa e seus métodos, foi realizada a leitura do capítulo sobre fichamento do livro *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*, de Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos. Segundo as autoras, o método facilita o desenvolvimento das atividades e a interpretação crítica da bibliografia analisada (2007, cap. 2, p.48).

A técnica de fichamento se mostrou eficaz no processo, estreitando a compreensão e exploração acerca do estudo da pesquisa, organizando as informações de forma lógica. A partir desta etapa, foram realizadas duas leituras relacionadas ao tema do desenho com o intuito de conhecer referenciais teóricos que tratam do tema da pesquisa.

O texto, de autoria da pesquisadora Maria Helena Wagner Rossi, foi de grande importância para compreender qual a contribuição da escola para com o desenho dos estudantes. A pesquisadora levanta uma discussão sobre os métodos adotados no ensino do desenho refletindo sobre os modelos

metodológicos empírico e apriorista. Isto é, o sujeito aprende a partir da pressão do meio, por cópias de modelos, por exemplo, observando outros desenhos - empirismo - ou já possui conhecimentos pré-formados, de maneira que influências externas são observadas como limitadores da livre expressão, segundo algumas linhas de pensamento - apriorismo (2012, p. 2).

A pesquisadora defende a prática do ensino interacionista, onde o sujeito deve construir o conhecimento interagindo com o meio, com outros desenhos, munido de técnicas para construção gráfica, propondo uma reflexão sobre a prática do ensino do desenho de maneira construtiva, quando o desenho passa a ser tratado como objeto de linguagem (2012, p. 10).

Feres Lourenço Khoury, pesquisador e autor de *O Desenho e suas Finalidades* (p. 80-83), um dos capítulos do livro *Fundamentos de Projetos: Arquitetura e Urbanismo*, diz que o ensino do desenho deve ser considerado um processo instrumental, que como linguagem, expressa as relações onde a representação torna se condutora formal de ideias e conceitos para o desenhista, operando com signos da visualidade. Afirma ainda que precisamos incluir processos que lhe permitam criar e recriar o repertório de suas atribuições por meio de uma visão crítica e sensível. Ensinar desenho deve ser como ensinar a ler e escrever, de forma que o desenhista possa ser capaz de comunicar visualmente suas ideias, construir graficamente o que deseja representar através de técnicas, de maneira criativa e autoral (2016, p.81). Compreendemos então que, quando o desenhista conhece as técnicas para representação de perspectiva e as domina, estas passam a servir de base para que ele possa desenvolver *sketches* autorais, e até mesmo técnicas próprias. Compreender como essas pessoas aprenderam, os motivos que as levam a desenhar, quais ferramentas e meios buscam para aprimorar seu traço são questões que buscamos conhecer no IFSP - Campus Jacareí.

Paralelamente às leituras citadas anteriormente, estudava-se os possíveis grupos para coleta de dados e ainda a elaboração do instrumento a ser adotado. Estes grupos forneceriam informações em níveis pessoais para que fosse possível estabelecer uma relação entre o que os leva ou não a desenhar, e assim, identificar seus conhecimentos a fim de mapear se os sujeitos representam e praticam, ou não, a perspectiva em seus desenhos. Desta forma, foi definido que os participantes seriam servidores, docentes, técnicos administrativos, equipes terceirizadas e discentes, de diferentes níveis acadêmicos, com alguma ou nenhuma familiaridade com a prática do desenho.

Com o perfil do grupo delimitado, o questionário pareceu ser a melhor ferramenta para coletar as informações necessárias para a pesquisa, principalmente pelo menor tempo despendido pelos participantes e pela possibilidade de se atingir um grupo maior de pessoas, e à medida que as pessoas revelarem seus conhecimentos, se estes se repetem como padrões em determinados grupos, um consenso ou não sobre o que seriam as técnicas de representação de perspectiva. Além do questionário, foi solicitado a cada participante que produzisse um desenho a mão livre, a fim de se comparar as respostas com os desenhos. Deseja-se saber se o sujeito identifica ou não o que é perspectiva no questionário e se foi capaz de representá-la em seu desenho, ou ainda quais outras técnicas ele descreve, se as representa ou não graficamente.

Desta forma, um plano de questões foi desenvolvido e com base no mesmo, optou-se pelas perguntas de níveis pessoal e técnico. As questões pessoais como, *“Você aprendeu a desenhar de que forma?”*, *“Acredita que desenhar seja um dom?”*, são algumas questões que permitirão uma visualização do que levou este sujeito a desenhar ou não, como ele compreende a linguagem do desenho e se buscou meios para desenvolvê-la. Já as questões de nível técnico, proporcionarão a identificação ou não de conceitos e técnicas conhecidas para representação de perspectiva pelos sujeitos.

Aplicado em um grupo total de 136 pessoas, além do questionário, foi solicitado a cada participante que produzisse um desenho a mão livre, a fim de se comparar as respostas com os desenhos. Em uma das questões técnicas foram utilizadas duas imagens (figuras 1 e 2), para que o sujeito pudesse apontar o máximo de elementos, que para ele, transmitisse a sensação de profundidade:

Figura 1 - Esboço "Projeto Blueprint".



Disponível em: <<http://freedesignfile.com/339943-building-draft-blueprint-sketch-vector-material-16/>>. Acesso em 18/05/2018, às 20h19min.

O desenho ilustrado na figura 1, colorido originalmente, utiliza luz e sombra para dar volume ao objeto, e, desta forma, passa a ser compreendido tridimensionalmente, a texturização das superfícies indica quais materiais fazem parte da composição e a técnica de dois pontos de fuga foi utilizada para representar a perspectiva.

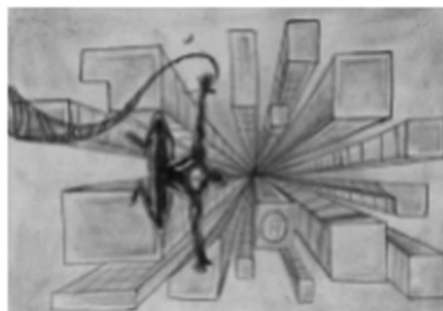
Figura 2 - Panorama da cidade vista da Avenida Brasil com a rua Antônio Prado.



Disponível em: <http://nav-nucleoartesvisuais.blogspot.com.br/2011/07/araraquara-vista-atraves-do-bico-de_24.html>. Acesso em 18/05/2018, às 20h15min.

Na figura 2 é possível observar a técnica de hachuras, que consistem em trabalhar linhas paralelas para criação de diferentes tons (claro e escuro), texturas e volume, a projeção se dá a partir de um ponto de fuga, criando a sensação de profundidade no desenho. Esse conjunto de técnicas, quando bem trabalhadas, possibilitam ao desenhista comunicar de forma clara o que ele busca representar. Um exemplo que se aproxima as figuras acima, de conhecimento, domínio e desenvolvimento técnico pode ser observado nas figuras a seguir.

Figura 3 - Desenho utilizando técnica de perspectiva com um ponto de fuga.



Fonte: Desenho desenvolvido por um dos participantes da pesquisa.

Figura 4 - Desenho utilizando técnica de perspectiva com um ponto de fuga.



Fonte: Desenho desenvolvido por um dos participantes da pesquisa.

Comparando as figuras 3 e 4, os próximos desenhos trabalham bem menos a perspectiva, apesar de sugerir o que os desenhistas buscavam transmitir, a representação do que seria um homem (figura 5), dos prédios e de toda a composição nos dois *sketches* não apresentam conformidade com a proporção real e projeções espaciais, demonstrando claramente essa carência técnica.

Figura 5 - Ilustração de uma pessoa caminhando na rua.



Fonte: Desenho desenvolvido por um dos participantes da pesquisa.

Figura 6 - Ilustração de uma rua.



Fonte: Desenho desenvolvido por um dos participantes da pesquisa.

Quando o desenhista não conhece, não domina ou não desenvolve tais técnicas, seu repertório de representação gráfica afeta diretamente a qualidade de comunicação do seu desenho. Pode-se então dizer que o desenhista necessita aprender e desenvolver estes conhecimentos, de forma que este possa produzir seus *sketches*, encorajando-se a continuar desenhando e buscando mais conhecimento acerca do mesmo, pois, õsem ensino, a maioria das pessoas não consegue desenhar e, assim, perde o interesse e desiste por completoõ (ROSSI, 2012, p. 9).

CONSIDERAÇÕES

Pode-se observar através dos textos dos pesquisadores sobre o desenho, que seu ensino, como objeto que opera com sua própria linguagem, é um desafio. Compreender como as pessoas aprenderam, como buscam, onde buscam conhecimento para alimentar seu repertório e desenvolver seu traço são pontos que desejamos conhecer com esta pesquisa. Poderemos tentar responder a tais questões ou ainda nos depararmos com outras que englobam o desenho em perspectiva que é mesmo desafiador do ponto de vista técnico.

Com o questionário aplicado e os desenhos produzidos, atingiu-se um total de 136 participantes, sendo que apenas 7 pessoas do grupo não aceitaram desenhar. A análise dos dados do questionário junto aos desenhos é o próximo passo do estudo, além da produção de *sketches* para destacarmos os conceitos encontrados e analisados, comparando com outros pesquisadores e suas teorias.

REFERÊNCIAS

KHOURY, Feres Lourenço. O desenho e suas finalidades. In: Perrone Rafael Antônio Cunha & VARGAS, Heliana Comin. **Fundamentos de Projetos: Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo: EDUSP, 2016, p. 80-83.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2007. Cap. 2, p. 43-51.

ROSSI, Maria helena Wagner Rossi. **Fundamentos da prática do desenho na escola**. In: Anais do XXII CONFAEB Arte/Educação: Corpos em Trânsito. São Paulo/SP: Instituto de Artes da UNESP, 2012.